

BUSTAMANTE, Frederico (Carlos Frederico Bustamante Pontes). **A narrativa fílmica homoerótica enquanto elemento detonador de transformações socioculturais**. São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei. UFSJ; Professor Assistente Efetivo do Curso de Teatro. Diretor Teatral.

RESUMO

A comunicação pretende relacionar dois filmes de temática homoerótica masculina e feminina, ambos americanos e produzidos nos anos oitenta do século XX, e as repercussões sociais e culturais de cada um deles no momento em que foram exibidos. Além disso, pretende-se refletir sobre os desdobramentos da exibição dos filmes nos dias atuais, a partir do olhar de espectadores participantes de um cineclube de temática homossexual realizado na Universidade Federal de São João del-Rei em 2013. Os filmes escolhidos foram: “Making Love”, de 1982 e direção de Arthur Hiller, e o segundo “Desert Hearts”, de 1985 e direção de Donna Deitch. A partir de uma perspectiva historicista, serão observados o contexto sociocultural em que os filmes se inseriam quando foram produzidos, além das referências sobre a época em questão presentes na narrativa ficcional. A comunicação tem por objetivo propor uma discussão sobre as relações entre o cinema, a cultura e a sociedade e o papel daquele no sentido da transformação do pensamento normativo vigente em um determinado momento histórico em particular.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema: Homoerotismo: Cineclube: Cultura: Sociedade.

BUSTAMANTE, Frederico (Carlos Frederico Bustamante Pontes). **La narration filmique homoérotique en tant qu'élément déclencheur des transformations culturelles**. São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei. UFSJ; Professeur Assistant du Cours de Théâtre. Directeur Théâtrale

RÉSUMÉ

La communication a l'intention de mettre en rapport deux films sur le thème de l'homoérotisme masculin et féminin, tous les deux américains et réalisés aux années 80 du XXe. siècle, et les repercussions sociales et culturelles de chacun d'eux au moment où ils ont été exhibés. On a l'intention aussi de réfléchir sur les dédoublements de l'exhibition des films aujourd'hui, à partir du regard des spectateurs participants d'un ciné-club de thème homossexual réalisé à l'Université Fédérale de São João del-Rei en 2013. Les films choisis ont été : *Making love*, de 1982, sous la direction d'Arthur Hiller, et *Desert hearts*, de 1985, sous la direction de Donna Deitch. À partir d'une perspective historiciste, on observera le contexte socioculturel dans lequel les films étaient insérés quand ils ont été produits, et aussi les références à l'époque de la narration fictionnelle. La communication a pour but de proposer un débat sur les relations entre le cinéma, la culture et la société et le rôle du cinéma dans le sens d'une transformation de la pensée normative en vigueur dans un certain moment historique particulier.

MOTS-CLÉ: Cinéma: Homoérotisme: Ciné-club: Culture: Sociétés.

Nos anos oitenta do século XX, dois filmes, produzidos de forma diferenciada nos EUA embora com semelhantes questões sendo discutidas, introduziram novos elementos ao status quo da indústria cinematográfica americana e, ao mesmo tempo, mobilizaram o contexto sociocultural daquele período. Cada um a seu modo tornou-se um marco significativo da transformação, até então negativa no cinema, da visão acerca da homossexualidade. Os filmes são: “Making love”, de 1982, e “Desert Hearts”, de 1985. O primeiro de temática homoerótica masculina e o segundo feminina, se situaram em um momento histórico ainda bastante conservador e ajudaram a modificar a perspectiva negativa vigente na época relacionada à expressão dos sentimentos e formas de relacionamento entre pessoas do mesmo sexo. Mesmo que cada um dos filmes tenha abordado realidades e épocas distintas para tratar da afetividade e da sexualidade diversas dos modelos hegemônicos, ambos apontaram para o mesmo caminho de discussão envolvendo as duas questões centrais dos relacionamentos humanos em geral: o desejo e o afeto; e, no caso, das dificuldades de se vivenciar estes aspectos de maneira mais livre diante dos padrões estabelecidos pelo viés heterossexista. Apresentados nas duas obras em contextos sociais repressivos, o desejo e o afeto, da forma como foram vivenciados pelos personagens, provoca, por sua vez, a reflexão de como pode ser possível sair deste estado de coisas. Vista de forma afirmativa e mais positiva, a complexidade, que envolve a sexualidade e a afetividade em uma sociedade homófoba, indica, por meio dos filmes em questão, que os medos levantados pelos personagens, assim como o seu respectivo enfrentamento, estão, antes de tudo, vinculados à tomada de posição individual e às escolhas dos diferentes sujeitos, independente do que os padrões sociais e culturais ditam e consideram como norma a ser seguida ou o desvio desta.

“Making love”, com direção de Arthur Hiller, foi exibido no Brasil também em 1982 com os títulos “Sem regras para amar” e “Fazendo amor”, segundo o IMDB (Internet Movie Database); é o primeiro filme comercial americano que trata a homossexualidade masculina de uma forma mais natural, ou seja, sem moralizar a experiência relacional entre duas pessoas do mesmo sexo como algo perverso, doentio e por isso passível de um fim normalmente trágico, como era comum em filmes da mesma temática até então. É o primeiro longa-metragem a abordar o tema do assumir-se e, conseqüentemente, das circunstâncias e atitudes vividas, obviamente com conflito, de se abandonar um modo de vida nos padrões heterossexuais e de se enfrentar os riscos envolvidos em função do redirecionamento da orientação sexual no âmbito da sociedade americana da década de oitenta do século XX. Dois anos antes, em 1980, foi produzido também nos Estados Unidos o filme “Cruising” (“Parceiros da Noite”), com Al Pacino no papel principal e direção de William Friedkin. Em “Parceiros da noite”, a narrativa fílmica aborda justamente o contrário do que vai abordar “Fazendo amor”. O longa, do gênero suspense, tem no roteiro um psicopata homossexual, *serial killer* de outros homossexuais, que é perseguido por um policial, Al Pacino, infiltrado como homossexual em bares gays a fim de conseguir, disfarçado, identificar e prender o criminoso. O filme, na época em que estava sendo produzido e depois quando foi exibido, gerou muitos protestos do movimento homossexual, em virtude do entendimento deste de

que o roteiro seria preconceituoso e não favoreceria, mas, pelo contrário, prejudicaria o advento de uma visão social mais positiva acerca da comunidade gay em processo de afirmação na sociedade americana. “Fazendo amor”, por sua vez, ganha destaque por ter sido produzido pouco tempo depois de “Parceiros da noite” e estar mais em consonância com o novo contexto sociocultural, pós-conquista de uma maior liberdade sexual, adquirida com a contracultura nos anos sessenta e setenta do século XX, assim como a constituição do movimento homossexual, que se deu a partir do final dos anos de 1960. Conseqüentemente, em 1982, entende-se já haver uma melhor aceitação social, nos EUA, de novas condutas relacionais que o filme em questão intenciona levantar e discutir, ao contrário do anterior citado, que ainda reforçava o estigma do homossexual masculino como um indivíduo perigoso e que vivia de forma promíscua e à margem dos valores “saudáveis” e “normais” da puritana sociedade americana em 1980.

“Para tentar uma forma de compensação de como a homossexualidade vinha sendo mostrada durante décadas em filmes hollywoodianos, a proposta [de “Making love”] era de apresentar a homossexualidade como um ato de amor, não de violência.” (GROTTO, 2012, p. 37)

O roteiro de “Fazendo amor”, no caminho de mudança da visão do cinema sobre a experiência homossexual, discute e oferece ao espectador as diferentes motivações e os contrastes de duas formas distintas de relacionamento entre dois homens: a primeira é a desejada pelo personagem central do filme, um médico bem sucedido, que entra em conflito com o seu casamento heterossexual, aparentemente perfeito, quando se envolve com o escritor Bart. Zach, inicialmente não assumido e em conflito com sua sexualidade, quer, a partir do envolvimento com Bart, retomar um modo de vida estável por meio de uma parceria fixa e duradoura agora ao lado de outro homem. Já a segunda forma de relacionamento que o filme aborda é a que revela Bart, um homossexual assumido, mas que prefere manter a proteção e a independência emocionais oferecidas por experiências ocasionais e sem vínculos afetivos, apesar de se perceber, após conhecer Zach, na iminência de um envolvimento para além do costumeiro. No entanto, sem estereotipar as necessidades relacionais de cada um dos personagens, segundo alguns críticos, a narrativa fílmica revela ainda que as diferentes escolhas dos personagens estão implicadas com as experiências anteriores que cada um teve em sua vida. Como Zach vivenciou gratificação no casamento heterossexual, ele deseja, a partir do momento que assume sua homossexualidade, um novo relacionamento estável agora com alguém do mesmo sexo; já Bart, por ter passado por dificuldades familiares na infância, sente-se ameaçado emocionalmente com a segurança de Zach ao expressar os seus sentimentos por ele e, por sua vez, vê-se pressionado a um compromisso relacional com o médico que ainda não se percebe preparado. Alguns críticos, no entanto, apontam que a atitude de Bart, ao preferir abrir mão do relacionamento com Zach e, ao final do filme, continuar a ter encontros fortuitos ao invés de assumir a relação estável e até certo ponto dentro dos padrões heterossexuais proposta por Zach, indicaria a manutenção do estereótipo social dos homossexuais masculinos, afeitos em geral a encontros

casuais e, por isso, percebidos socialmente como promíscuos e condenáveis moralmente. Já outros críticos, por sua vez, não entendem assim o roteiro, pontuando que as escolhas de cada um revelam, antes, a liberdade individual e concernente ao modo de viver e ver a vida de cada personagem, sem que, necessariamente, exista algum cunho moralista sugerindo que a maneira de se relacionar de um é certa enquanto a do outro, errada. Neste caminho não moralista e ao analisar o contexto sociocultural da década anterior ao filme, a psicoterapeuta Marina Castañeda (2007, p. 247-248) afirma que

A liberação gay fez da homossexualidade não mais um destino infeliz, mas um estilo de vida livremente escolhido. Tornou possível viver publicamente uma orientação que sempre tinha sido vista como clandestina. Os homens homossexuais que atingiram a idade adulta nos anos 1970 formaram a população mais bem colocada para aproveitar estas transformações. Mais livres que os heterossexuais e mais à vontade que as lésbicas, lançaram-se na exploração de novas formas de estimulação e de satisfação sexuais. [...] Após uma longa história de perseguição, tudo era permitido – e talvez fosse esperado que eles quisessem se aproveitar disso plenamente.

Neste sentido, “Fazendo amor”, em função do posicionamento de cada personagem, poderia estar reafirmando as conquistas da revolução sexual dos anos sessenta e setenta do século XX, por não julgar as escolhas diferenciadas de cada um. A partir da narrativa, entende-se que estas escolhas revelam a liberdade pessoal e, mais especificamente dos homossexuais, de gerirem suas próprias vidas e criarem novas formas de relacionamento não mais baseadas nas normativas vigentes, mas constituídos por experiências prévias, diferenças de personalidade e histórias de vida. Estas escolhas, ancoradas agora em novos moldes muito mais subjetivos e conscientes do que nas décadas anteriores, indicariam encaminhamentos relacionais originais e que fogem a estereótipos de qualquer natureza. A ex-esposa de Zach, Claire, vai também aos poucos compreender o redirecionamento da orientação sexual do ex-marido e aceitar, de forma afetuosa e fraterna, a separação; ela entende que a felicidade de seu ex-companheiro é mais importante que os laços relacionais que os uniam. Além do mais, o filme deixa claro que o amor que uniu Zach e Claire, e que os levou a viverem juntos durante oito anos, se colocou acima de qualquer preconceito. “Fazendo amor”, em 1982, revela a perspectiva de construção de uma sociedade mais igualitária, justa e civilizada, em que o respeito às diferenças venha a prevalecer ante a discriminação ao que é diverso e único em cada ser humano. “Fazendo amor” é um filme de amor à humanidade em sua diversidade.

“Desert Hearts” é uma obra que também avança no sentido da expressão fílmica dos conflitos, sentimentos e desejos de duas mulheres homossexuais; pois apesar de presas inicialmente aos seus contextos socioculturais, ao se apaixonarem são lançadas no questionamento de suas aparentes certezas e levadas a refletir sobre suas identidades, o que as força a mudar. Dirigido por uma cineasta lésbica e socialmente assumida, o filme, criado a partir do livro de Jane Rule, “Desert of the Heart”, de 1964, foi realizado em função dos esforços da própria diretora, Donna Deitch, que hipotecou sua casa para produzi-lo a fim de conseguir chegar à fase final de

exibição. Ao contrário de “Fazendo amor”, produzido pela 20th Century Fox, “Desert Hearts” não foi exibido no Brasil e não é um longa-metragem comercial, mas angariou vários prêmios e teve um sucesso considerável que justificou o empenho da diretora na realização do projeto. O filme teve indicações, menção e premiação das atrizes principais e do próprio filme em festivais importantes, como o Sundance, por exemplo, além de críticas muito boas nos principais jornais americanos. Ambas as obras foram apresentadas, no ano de 2013, em um Projeto de Extensão da Universidade Federal de São João del-Rei, a partir de sua ação principal, um cineclube de temática homossexual. Alguns depoimentos dos participantes, colhidos logo após a exibição dos longas, revelam a atualidade das questões apresentadas no roteiro e mantém cada um dos filmes representativo ainda hoje mesmo após trinta anos de realização. Em “Fazendo amor”, temos os depoimentos: “Aceitar a sua singularidade... O maior desafio” e “Maturidade”; Já em “Desert Hearts”, “Caminho para o desejo... Experiência” e “Coragem”.

Referências bibliográficas

CASTAÑEDA, Marina. **A experiência homossexual**. SP: A girafa editora, 2007.

GROTTO, V. **Representações da sexualidade em produto cultural: Percepções e impressões de um filme**. 2012. 160 f. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista. Marília, 2012.

Referências filmográficas.

DEITCH, D.; TAYLOR, Cami. **Desert Hearts**. Filme. Produção de Dona Deitch e Cami Taylor, direção de Dona Deitch. Estados Unidos, Samuel Goldwyn Company, The, Desert Hearts Productions, 1985. 1 DVD, 96 min. color. son.

FRIEDKIN, W; WEINTTRAUB, J. **Parceiros da noite**. Filme. Produção de Jerry Weintraub, 1980, 1 DVD, 106 min. color. son.

HILLER, A. **Fazendo amor**. Filme. Produção da 20th Century Fox. Estados Unidos, 1982, 1. DVD, 113 min. color. son.